
Aprendendo ensinando com os caminhantes: cinema, redes educativas e migrações

Maria Maria Cecília Castro*[†]

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brésil

Résumé

Os deslocamentos são características fundamentais dos seres vivos. Entretanto, as tensões produzidas por esses processos têm provocado a xenofobia, discursos de ódio e a justificativa de tais atos pela ‘defesa’ de territórios, modos de vida e valores que foram criados pelos próprios seres humanos.

As diferenças culturais, étnico raciais, gênero, classe, religião e tantas outras justificam tais atitudes? O que nos difere é mais importante do que o que nos humaniza? Estas e outras questões nos impulsionou na produção deste trabalho. Nosso objetivo é narrar práticas educacionais que problematizam/ desconstruem/ desnaturalizam a xenofobia presente em nossa sociedade. Para tanto, utilizamos o cinema e a literatura que chamamos de *artefatos culturais*, para nós são desencadeadores e potencializadores dessas e outras questões.

Nossas *conversas* teórico-epistemológicas se dão com Certeau, Freire, hooks, Bhabha e Deleuze numa tentativa de pensar uma educação popular e em redes que contribua para a reinvenção de si e do mundo.

Neste sentido, faz-se importante mencionar as redes que nos constitui enquanto pesquisadores. Estamos vinculados ao campo das pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* e desta forma conversamos com autores que nos permite pensar as práticas cotidianas e a complexidade da vida para além das questões macro políticas e econômicas.

Conforme mencionamos, o cinema é um dos artefatos culturais que usamos em nossas conversas acerca dos movimentos migratórios. Para Deleuze, o cinema cria realidades que nos permite pensar acerca de temas produzidos, tecendo inúmeros *conhecimentos significações*, contribuindo na formação dos *praticantes pensantes* em seus cotidianos, inclusive as escolas.

Compreendemos que a escola é um *espaçotempo* de produção de conhecimentos. Ela não apenas produz conhecimentos, mas formação humana. Como professores de escola pública, nos sentimos impelidos a fomentar discussões que fazem parte dos nossos cotidianos e dos cotidianos dos estudantes. É o que hooks (2016) nomeou como *pedagogia engajada* que compreende os sujeitos de maneira integral, numa relação não restrita a transmissão de conhecimentos mas reinventa a si mesmo e ao mundo em que vive.

Referências Bibliográficas

*Intervenant

[†]Auteur correspondant: mcecilias.castro@gmail.com

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 21. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, G.; Guattari, F. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles' GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* Tradução: Bento Prado Junior e Alberto Alonso Munhoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Mots-Clés: cotidianos escolares, movimentos migratórios, cinema